



APRESENTAÇÃO

A **SOMANLU – Revista de Estudos Amazônicos** pertence ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/PPGSCA, do Instituto de Ciências Humanas e Letras/ICHL da Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Os textos desta edição contribuem para problematizar a Amazônia na perspectiva interdisciplinar. No conjunto dos artigos visualizamos a descrição plural da Amazônia.

A cada edição da Somanlu as certezas sobre a Amazônia abrem um gigantesco caleidoscópio de incertezas para compreendê-la. O primeiro artigo *Salvuarda del patrimonio indígena: cuando una piedra es más que un objeto*, Jenny González Muñoz discute o valor simbólico de objetos naturais para a etnia pemón. Discute a remoção da pedra Kueka Abuela, que até 1998 estava localizada na Venezuela que atualmente encontra-se na Alemanha. Afinal, até quando os valores simbólicos amazônicos serão abruptamente retirados de seu espaço simbólico? Ao que parece, os saberes locais continuam sendo sufocados pelos desejos e desapegos globais.

A etnografia do Mercado Ver-o-Peso - Belém/PA é tema do artigo *Etnografando mercados: trabalho, sociabilidade e lazer no Ver-o-Peso*. Descrever o dia-dia do cotidiano do mercado com as suas características requereu do autor, Tiago Luís Coelho Vaz Silva a perspicácia nas escolhas das palavras para traduzir o patrimônio material e imaterial ali circunscrito.

Outro artigo instigante é a descrição etnográfica da quadrilha de duelo Anjos do Faroeste de Manau/AM. Os autores Teresa Kátia Alves de Albuquerque e Sérgio Ivan Gil Braga em *A quadrilha de duelo “Anjos do Faroeste” no circuito de festivais folclóricos em Manaus (AM): um olhar etnográfico* analisam as transformações simbólicas da quadrilha caipira junina e a incorporação de símbolos e personagens do cinema americano.

Tanto o antropólogo e pesquisador Miguel Aparicio Suárez descreve em seu artigo *As Redes Sociais indígenas no interflúvio Purus-Juruá: Etnografia das unidades dawa na sociedade suruwaha*, quanto as autoras Patrícia Portela e Cynthia



Martins revelam em seu artigo intitulado *O poder e a autoridade dos autodesignados pajés na construção de uma expectativa da direito em comunidades quilombolas: religiosidade e territorialidade na Baixada Maranhense* as diversidades dos eixos culturais da Amazônia.

As representações da mulher amazônica são encontradas nas obras do escritor Milton Hatoum em seus romances. As autoras Joanna da Silva e Adelaine LaGuardia em *Mães zelosas, Cunhantãs resignadas, Amantes perigosas: representações da Mulher Amazônica no romance de Milton Hatoum* analisaram cada representação. Já o homem amazônico é analisado no artigo de Maria Luiza Germano de Souza, *Romanceiro de Elson Farias: o bardo e o cancionista da representação do homem amazônico*.

Ao perfil do trabalho coletivo os autores Cleiton Ferreira Maciel, Maria Izabel de Medeiros Valle, Jeanne Mariel Brito de Moura e Allison Santos de Andrade debruçam sobre *“Os donos do barro”: reflexão sobre as artimanhas do capital no Polo oleiro-carâmico da Região Metropolitana de Manaus*. O trabalho artesanal frente às lutas do trabalho e do capital.

Em *Mitos, crenças e rodoviarismo na Amazônia brasileira* o autor Marcelo da Silveira Rodrigues analisa as condições do homem amazônico frente às condições do homem capital impostas na Amazônia pelo projeto de interligações rodoviárias com o restante do Brasil. Nas palavras do autor, (...) os projetos de revitalização da BR-319 e BR-163, um grande atentado à própria condição geográfica da região amazônica, isto sem dizer da questão cultural, os projetos rodoviaristas contribuem na Amazônia para a mudança do *ethos* e da mitologia nela presente.

Os autores e pesquisadores Jonas da Silva Gomes Jr e Denise Picolotto Carvalho Levy analisam o capital social gerado no perfil @FasAmazonas. Frente as tecnologias das redes sociais, a difusão e a rapidez no fechamento das pautas comerciais são fatores positivos para o êxito capital.

Territórios e territorialidade são abordados por Roberto Monteiro de Oliveira, na conferência *Território, síntese do passado ou projeto do futuro?* Sob o ponto de vista da geografia verdadeiramente humana, em que *“a territorialidade*





não se confunde com a defesa pura e simples do espaço necessário à sobrevivência. Territorialidade no sentido humano decorre de um processo geográfico de identificação com um grupo de pessoas, com uma sociedade ou nação e seu território". Desta concepção, a *"autodeterminação e a liberdade das pessoas permite a reconstrução de suas vidas em novo grupo, nova sociedade, nova nação e novo território"*. É possível para o território amazônico? Uma questão para os geógrafos amazônidas e para os campos interdisciplinares.

Ao final da revista disponibilizamos para os nossos leitores a produção científica das defesas do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/PPGSCA e também, elencamos os números editados anteriormente pela SOMANLU. Fica aberto o convite para os pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento em difundir suas pesquisas nas futuras publicações.

Aproveite bem a SOMANLU.

